

Os valores

Por Arnaldo Mayr*

"Tratar o homem como um fim, e não como meio" (Kant).

1. O mundo dos valores

"O homem é um ser cultural, capaz de transformar a natureza conforme suas necessidades existenciais, por meio de uma ação intencional e planejada". Tal ação acontece em função dos valores que presidem o agir humano. (p.118)

"Na medida em que atendemos ou transgredimos certos padrões, nossos comportamentos são avaliados bons ou maus, e o que produzimos é julgado belo ou feio". Como todas as ações humanas possuem um caráter de valor, podemos dizer que é impossível viver sem estes mesmos valores. São constitutivos da vida humana.

Por volta do séc. XIX vemos surgir um campo no corpo da filosofia que irá se ocupar especificamente da questão dos valores, que é a axiologia ou teoria dos valores.

2. Valores e valoração

Ao abrir este tópico, a autora faz a distinção entre juízos de realidade e juízos de valor. Os primeiros, enquanto constatação da realidade (ex.: isto é uma mesa) e os últimos, enquanto qualidade do conteúdo, podendo ser atrativa ou repulsiva, boa ou má e assim por diante.

Porém, é importante fazer uma distinção: enquanto as coisas são, os valores valem. Parafrazeando Garcia Morente, podemos dizer que "os valores não são, mas valem. Quando dizemos de algo que vale, não dizemos nada do seu ser, mas dizemos que não é indiferente. A não-indiferença constitui esta variedade ontológica que contrapõe o valor ao ser. A não indiferença é a essência do valor" (p.118).

Podemos dizer a partir desta situação que a valoração é a "experiência axiológica de um sujeito dentro de uma situação concreta" (p.119). Isto não implica em atribuir um significado relativista aos valores, mas sim relacionar os valores com uma dada situação concreta, como afirma Pierre Furter[2]. 'O ato de valorar é uma tarefa humana e coletiva que nunca termina. Ele fundamentará o o projeto comum de dar um sentido ao nosso mundo'[3]

3. Valores em educação

Avançando em sua análise, a autora sustenta que a práxis educativa está toda permeada por valores, sendo conscientes ou não por parte dos educadores. Daí a importância de um enfoque especial aos valores moral, político e estético.

4. Educação moral: o sujeito autônomo

"De uma maneira geral, a moral é um conjunto de regras de conduta adotadas pelos indivíduos de um grupo social e tem a finalidade de organizar as relações interpessoais segundo os valores do bem e do mal" (p.119).

O homem não nasce moral, mas torna-se moral. O convívio humano que permeia todo o processo educacional é o grande responsável pelo aprender-se moral do homem. Por conseguinte, podemos afirmar que a educação tem como tarefa formar pessoas capazes de bem viver, agir de maneira virtuosa ou segundo princípios. Importante ressaltar que "o verdadeiro homem moral não recebe passivamente as regras do grupo, mas as aceita (ou recusa) livre e conscientemente" (p.120). Tornar-se moral é assumir livremente regras.

O caráter de autonomia presente na vida do sujeito adulto (em oposição a heteronomia) não deve entretanto ser confundido com individualismo dada a dimensão de reciprocidade presente no agir

humano que é necessariamente intersubjetivo.

5. Educar o cidadão

Partindo do princípio de que "a política diz respeito ao uso do poder em vistas a administração da cidade"(p.120), a educação de jovens e crianças reveste-se da necessidade de atender às expectativas dos grupos que detêm o poder na sociedade, justificando assim a dualidade das escolas (uma para ricos e outra para pobres). Assim, nos parece claro que não há neutralidade política no processo educacional - seja ele consciente ou não. A atuação da Igreja no período medieval, o papel reclamado pela aristocracia e as exigências do liberalismo em adaptar a escola às suas exigências são alguns bons exemplos desta injunção.

Por estas razões, são inúmeros os entraves para a formação da cidadania. O embate do pluralismo em situações onde existe "segregação, preconceito, exclusão, quando as pessoas são acostumadas a obedecer, por que a regra é o autoritarismo decorrente das relações fortemente hierárquicas", será sempre contundente, sem contudo ser de todo ineficaz(p.121).

6. Educação estética

Considerando-se a dimensão afetiva do homem com o mesmo status de importância da dimensão racional, torna-se claro a importância da educação estética como elemento de humanização, "instrumento de valorização integral do homem, isto é, de todo homem e de qualquer homem" (p.121).

Diferentemente da ciência e do senso comum, a percepção estética apreende o objeto mediante percepção totalizante, através do "sentimento, da intuição e da imaginação". No que interessa a educação, podemos afirmar que educar é incentivar a criatividade, abrir-se para o novo, de forma oposta ao modelo de educação do convencional, do definitivo, das formas impostas.

Uma sociedade que nega aos seus a fruição da arte seja no campo da literatura, pintura, música ou qualquer outra manifestação, só pode ser considerada injusta. O cerceamento de qualquer processo de subversão mediante a censura estética mostra-se plenamente justificável nos períodos autoritários.

7. Educação e liberdade

O estaque conferido aos valores de caráter moral, político e estético trazem consigo a tentativa de compreender a intencionalidade dos atos humanos. Atos, em última instância, livres. A liberdade não é algo dado, mas resultado de uma conquista, de um aprendizado constante. A "educação autêntica só pode ser a educação para a liberdade - e por meio dela - a fim de que não se torne adestramento ou dominação" (p.122).

Mas em suma, o que é a liberdade?

Considerando-se a primazia dos constrangimentos a que somos sempre submetidos, como propõem os behavioristas, a liberdade não é possível. O ponto de partida oposto, aquele que parte do individualismo exacerbado, reduzindo a liberdade a igualdade com o desejo, também não aborda de maneira eficiente a liberdade, pois a reduz a mera subjetividade narcísica. A perspectiva da liberdade circunscrita dentro dos limites da liberdade alheia pressupõe homens enquanto arquipélagos de ilhas isoladas refletindo pouco a interatividade humana.

A fim de avançar na reflexão acerca da liberdade, a autora propõe considerar duas vertentes principais: o determinismo absoluto e a liberdade incondicional (p.122).

As teorias deterministas partem do princípio de que "o homem, à semelhança das coisas, sofre constrangimentos externos e internos, tendo apenas a ilusão de escolher livremente". Já os opositores desta perspectiva, "o homem teria uma liberdade absoluta, podendo agir de uma forma ou de outra, independente das formas que o constroem. Nesse caso, ser livre é ser incausado" (p.122).

Fugindo dos extremos, ARANHA sugere abordar o tema a partir de uma relação dialética. Diz ela: "admitimos inicialmente que o homem é, sim um ser situado e, portanto, sofre múltiplas determinações, mas como é também um ser consciente, quando toma conhecimento da situação em que se encontra inserido, e dos obstáculos a ele antepostos, é capaz de agir sobre a realidade, transformando-a" (p.122). Assim, fica clara a idéia de que a liberdade é algo construído a partir de uma situação dada e de condições históricas concretas.

Todo o processo de adquirir autonomia é um processo de aprendizado. Parafraseando George Gusdorf, "a liberdade adolescente é uma adolescência da liberdade".

8. A autoridade do mestre

O exercício concreto do processo de aprendizagem a partir da relação mestre e aluno sempre está circunscrito no binômio: relação hierárquica ou relação igualitária. Melhor seria dizer que tal relação é assimétrica, pois parte de uma diferença no ponto de partida e uma igualdade no ponto de chegada. Por isso o papel que cabe ao professor é o de dirigente, capaz de distinguir entre o aluno empírico e o aluno concreto.

Assim, a autoridade do professor ao longo do processo educacional vai sendo exercida de forma decrescente, em relação simétrica com a maturidade do aprendiz adquirida ao longo do processo. É passar da assimetria e heterogenia para a homogenia e simetria. O pressuposto aqui é a "noção positiva de que o conflito é uma das condições principais para a existência de um mundo livre. Para não sucumbir à tentação da tirania, temos de aprender a 'trabalhar' o conflito" (p.124).

A grandeza da educação é então o seguinte: pais e mestres precisam ser tolerantes o suficiente para reconhecer que nem sempre seus valores são tão universais quanto imaginam; ser humildes para admitir que eventualmente eles mesmos podem estar enganados; e, finalmente, abandonar o desejo de onipotência, pois, se o homem é livre, não há como obrigá-lo a não errar" (p.124). Disto decorre que "toda educação comporta um risco de malogro" como diz Reboul.

Considerações finais

Quando consideramos a educação a partir da perspectiva axiológica, muitas são as consequências daí advindas. A desmistificação da suposta neutralidade axiológica presente no processo de produção do conhecimento leva necessariamente a uma tomada de posição frente às situações impostas pela realidade.

Tanto professor quanto aluno têm vivências éticas diferenciadas e determinadas pelas suas experiências concretas no mundo dos valores. A mediação entre ambos deve ser capaz de avançar além das meras diferenças, transpondo os limites gerados a partir de histórias igualmente diferentes.

Educar pressupõe transformar os envolvidos no processo, sejam eles professores ou alunos. Cada qual, a partir de sua história concreta e de suas vivências deve ser capaz de avançar sobre os seus limites. A busca da autonomia é um processo ininterrupto, e deve sempre projetar o homem para um futuro em construção, futuro este do qual ele é plenamente responsável.

O exercício da liberdade exige renúncias e aceitações. O tornar-se plenamente humano deve ser construído a partir de um envolver-se sempre mais, sem reservas ou temores. Fazer-se humano é necessariamente ser capaz de assumir na plenitude as consequências advindas das opções primeiras.

[1] Todas as citações presentes neste estudo referem-se à obra ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da educação**. 2 Ed. São Paulo: Moderna, 1996. 234 p.

[2] Educação e vida. p.11.

[3] Educação e vida. p.113.